



O FILME COMO MATERIAL DIDÁTICO: UMA EXPERIÊNCIA INTERVENCIONISTA DESENVOLVIDA NO ESTÁGIO DE REGÊNCIA
MOVIE AS A DIDACTIC TOOL: AN INTERVENTIONIST EXPERIENCE DEVELOPED IN THE SUPERVISED INTERNSHIP IN TEACHING TRAINING

Edson da Silva Santos¹

Universidade Estadual de Feira de Santana

Marcelo Oliveira de Faria²

Universidade Estadual de Feira de Santana

RESUMO

Este artigo resultou de um trabalho de conclusão de curso, desenvolvido ao longo de quatro Estágios Supervisionados em Geografia, da Universidade Estadual de Feira de Santana, em um colégio público dessa cidade. Propõe uma discussão acerca de como a utilização de materiais didáticos – em especial, a produção cinematográfica – pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de conteúdos geográficos. Para tal, elenca e analisa limites e possibilidades, assim como dilemas e cuidados ao utilizá-lo em sala de aula. A metodologia empregada engaja-se nos contornos da pesquisa social de cunho qualitativo, tendo como método de abordagem a pesquisa-intervenção. A produção dos dados ocorreu no período de 24 a 30 de novembro de 2014. Os sujeitos da pesquisa foram uma docente da área de Geografia e 15 alunos da turma do 1º ano do ensino médio. A análise dos dados indica que é possível estudar através dos filmes e que eles despertam o interesse dos alunos para o ensino e a aprendizagem de conteúdos geográficos.

Palavras-chave: Mediação pedagógica. Ensino-aprendizagem. Novas tecnologias.

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, o professor foi considerado como principal e único detentor do conhecimento em sala de aula. Ao longo dos anos, diversos objetos foram

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: edsonsponte@hotmail.com

² Dr. em Educação pela Universidade Federal da Bahia; Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo; Bacharel e Licenciado em Geografia pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo. Professor assistente do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: marcelo.faria65@gmail.com

convencionalmente utilizados como materiais didáticos, como o giz, a lousa e o livro didático, por exemplo.

Entretanto, apesar de esses elementos ainda serem sobremaneira importantes, vêm sendo enquadrados como velhas tecnologias e, em um horizonte próximo, não irão desaparecer, por diversos fatores, dentre os quais, ressaltam-se dois: i) a falta de investimentos para equipar as escolas e capacitar os professores, porquanto faltam políticas públicas voltadas para sua formação inicial e a continuada e ii) o receio de alguns professores têm de fazer intervenções em sala de aula utilizando as novas tecnologias, quase sempre, porque não acreditam no potencial delas ou porque se sentem seguros em lecionar da mesma forma que aprenderam.

Tendo em vista a invasão de “novas” tecnológicas no ambiente doméstico e seu apelo no uso educacional, a pergunta norteadora desta investigação é: Em que medida o uso de filmes contribui para facilitar o ensino e a aprendizagem de conteúdos geográficos? Para respondê-la, o estudo visou investigar de que maneira a utilização dos filmes, como material didático, configura-se como um fator motivador para a aprendizagem de geografia. Para tanto, pretendemos identificar e analisar os limites e a possibilidade de utilizar os filmes em sala de aula e investigar como os sujeitos (alunos e professor) avaliam o uso de filmes em sala de aula, em especial, nas aulas de geografia.

A relação entre o filme e o livro didático de Geografia pode ser percebida, geralmente, quando ele é sugerido no final dos conteúdos, com suas respectivas sinopses, e fazem alusão ao conteúdo que já foi ou vai ser trabalhado ou pode ser apenas uma sugestão por curiosidade. Vale ressaltar que tratamos de filmes em sua totalidade, e não, só os considerados de conteúdo educativo, porque também acreditamos no potencial educacional de filmes que não foram elaborados com tal finalidade.

O uso de filmes como material didático em sala de aula é necessário por diversos motivos. Primeiramente, é importante situá-los no momento histórico, tecnológico e econômico vigente. Vivemos na era da globalização, em que os mais diversos meios de comunicação, como o rádio, a TV, a internet, o cinema, entre outros, tende a transmitir notícias, principalmente, por meio de imagens, responsáveis por criar opiniões e homogeneizar gosto e costumes.

Por esse motivo, as imagens transmitidas por esses meios não devem ser consideradas autossuficientes, porque, como fazem parte do cotidiano dos alunos,

precisam ser, em muitos casos, retrabalhadas, por meio de uma educação do olhar, para que se evite o efeito manipulador e consumista, típico da sociedade capitalista.

No que diz respeito à estrutura, este trabalho apresenta, na primeira seção, os dilemas dos professores e das instituições escolares em virtude dos avanços das transformações tecnológicas e como utilizá-las para mediar o conhecimento; na segunda seção, abordamos as potencialidades da utilização de filmes como material didático-pedagógico e os cuidados que se deve ter ao utilizá-los durante o processo de ensino-aprendizagem; na terceira seção, apresentamos a metodologia utilizada, que foi pautada num estudo de caso, ancorado em bases da pesquisa qualitativa de caráter intervencionista, desenvolvida com uma professora e alunos de um colégio público, situado na porção norte, periferia da cidade de Feira de Santana, interior do estado da Bahia; a quarta seção concerne aos resultados produzidos, expostos e analisados em forma de narrativas. Por último, na quinta seção, apresentamos, na conclusão, os limites e as potencialidades em se utilizarem filmes que, na visão dos investigados, são um material didático motivador e facilitador da aprendizagem nas aulas de Geografia.

2 A ESCOLA E SEUS DESAFIOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS DIANTE DAS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS

De acordo com Santos (2006), vivemos em um meio técnico-científico-informacional, cujo processo de globalização, regido por ações capitalistas, tende a propagar informações que visam homogeneizar os gostos e os costumes na sociedade como um todo. Para tal, recorre aos meios de comunicação de massa, como o rádio, os jornais, as revistas, a televisão, a rede mundial de computadores, o cinema, entre outros, por meio dos quais as pessoas têm acesso à informação em diversas partes do globo, inclusive locais, e a depender do meio de comunicação, a informação transmitida, quase sempre, chega via satélite em tempo real.

Sob o ponto de vista de Napolitano (2010, p. 89), devido às transformações tecnológicas atuais, é impossível isolar a escola do mundo exterior, porque os eventos que acontecem fora dela certamente serão sentidos, por isso “[...] a sala de aula já vem incorporando e sofrendo a intervenção dos meios de comunicação de massa, com a utilização de jornais, revistas e programas de televisão [...]”. Vale ressaltar que tal incorporação e incentivo ao uso desses materiais, por vezes, encontram amparo no baixo

custo de aquisição que, aliado à obtenção de resultados satisfatórios ao utilizá-los, promove sua difusão, como forma de mediar o conteúdo.

Ante tal inversão e, conseqüentemente, inserção tecnológica no ambiente escolar, é imprescindível que a escola e os professores acompanhem essas transformações e procurem se adequar ao terceiro milênio, visto que, como adverte Pontuschka (2009, p. 283), “[...] a população hoje está sendo educada pela linguagem de imagens e dos sons, ou seja, pelo cinema e pelos programas de TVs mais do que pela linguagem escrita [...]”. Perante tal situação, Straforini (2004, p. 91) assevera que

[...] a escola e todo o seu corpo teórico-metodológico precisam ser revistos e refletidos diante da instantaneidade das informações trazidas pelos veículos de comunicação e mídia, principalmente pela televisão, que adentra os lares vorazmente, levando todo tipo de informação, seja ela da própria cidade da criança ou de lugares jamais ouvidos falar anteriormente.

Tal adequação e revisão exigem mais investimentos das instituições públicas e privadas para equipá-las, assim como incentivo para que os docentes participem de capacitação constantemente, tanto na formação inicial quanto na continuada. É importante, ainda, que as instituições de ensino e os órgãos competentes não só as equipem, como também deem manutenção e, quando necessário, os substitua por novos para evitar seu sucateamento.

Em se tratando das instituições públicas de ensino, alguns investimentos, apesar de pontuais, já podem ser constatados em diversas escolas do Brasil, equipadas com sala de informática, sala de vídeo, TVs *pen drive*, datashow, lousa digital, além da distribuição de *tablets* para professores, tanto da rede estadual quanto da municipal. Em relação às TVs *pen drive*, como estão acessíveis sempre, podem ser utilizadas para a exibição de filmes, slides, músicas, entre outros, mas alguns problemas são encontrados tanto na acústica, quanto na visualização de todos os alunos presentes em sala, que é mais difícil.

É importante atentar para o fato de que não basta equipar escolas e professores, porque, como adverte Masetto (2007, p. 139), “[...] não é a tecnologia que vai resolver ou solucionar o problema educacional do Brasil [...]”. Corroborando esse pensamento, Moran (2007, p. 12) afirma que, se o ensino dependesse apenas de tecnologia, já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Nesse sentido, porém sendo mais específico, Napolitano (2010, p. 11) aponta que, se o professor optar por trabalhar as

novas linguagens aplicadas ao ensino, deve ter claro que essa novidade não vai resolver os problemas didáticos pedagógicos do seu curso.

Fiscarelli (2007; 2008) assinala uma preocupação com a utilização dos materiais didáticos que, de certa forma, têm influenciado consideravelmente na prática pedagógica dos professores, com a entrada da tecnologia no ambiente educacional, que valorizou sobremaneira a dimensão instrumental, e não, didático-pedagógica, a ponto de intervir, principalmente, na elaboração e no processo de ensino-aprendizagem, antes e durante a mediação pedagógica.

De acordo com Fiscarelli (2008), a importância atribuída aos materiais didáticos ligados às novas “tecnologias” se encontra favorecida por discursos difundidos por alguns professores e gestores responsáveis por alimentar regimes de verdade, que colaboram para que haja uma diversificação de materiais didáticos no espaço escolar e para que eles assumam uma posição de destaque em relação ao saber docente.

Ainda segundo a autora, devemos estar atentos à forma como vêm sendo encaradas a crescente inserção e a diversificação de materiais didáticos no ambiente escolar. Isso se justifica porque a utilização deles em sala de aula traz um discurso de reforma educacional, o que exige renovação pedagógica, progresso e mudança. Tal discurso tendencioso e propagandeado enquadra como bons professores os que conseguem resultados satisfatórios no processo de ensino e aprendizagem ao diversificar suas aulas com materiais didáticos (FISCARELLI, 2008).

O mais surpreendente, segundo Fiscarelli (2008, p. 22), é que, na atualidade, os materiais didáticos assumem um lugar de destaque, pois, se antes eram apenas simples objetos, atualmente adquiriram significados importantes na concretização e na efetivação de novas propostas educacionais, direcionando e definindo nossas visões sobre o que é ministrar uma boa aula, o que é ser uma boa escola e o que é mais apropriado para ser utilizado em sala de aula. Isso interfere na autonomia dos docentes, já que são pressionados por gestores, colegas e, até mesmo, pelos alunos a utilizarem determinados materiais didáticos.

Defendemos a utilização de materiais didáticos durante o processo de ensino e aprendizagem na mediação do conteúdo, porque acreditamos em sua potencialidade porque podem facilitar a aprendizagem ao tornar as aulas mais dinâmicas e atraentes, além de proporcionar aos educandos momentos de prazer e de descontração. Porém eles não devem ser considerados como superiores à prática docente, posto que, como adverte Fiscarelli (2007), a implantação de materiais didáticos no ambiente escolar, por si só, não é suficiente para transformar e concretizar positivamente o processo de ensino e

aprendizagem, já que devem ser utilizados como subsídios para a pedagogia, e não, o revés. Considerando os dilemas supracitados, concordamos com Cavalcanti (2008, p. 33), ao afirmar que

[...] a sociedade mudou e avançou em muitos aspectos, e que a escola e o ensino de geografia não têm acompanhado satisfatoriamente essa mudança. Por isso mesmo, a escola e o ensino de geografia precisam, de fato, mudar, precisam estar mais ligados à vida social atual. Mas isso não significa esperar que a escola se transforme em um “flipperama”, que se organize como se fosse uma “casa de jogos eletrônicos”. Tampouco o professor de geografia deve se comportar como um animador de TV, como um animador de *reality show*. Nem o conteúdo geográfico tem de se tornar um tema de programa de vídeo ou de TV. Acredito que não é assim que a escola vai estar mais “atenta” com o mundo atual. Ela não precisa ser outra coisa para exercer sua função na sociedade, mas também não pode continuar sendo o que é. Considero, de qualquer forma, que a escola (e o ensino de geografia) mantém sua atualidade como espaço onde se desenvolve o trabalho como saber, com a cultura, em busca do conhecimento intelectual de seus alunos. Seu papel, nesse sentido, é ampliar, o uso de procedimento de ensino que sejam propiciadores da manifestação do sujeito, de sua diversidade e do processo da manifestação dos sujeitos, de sua diversidade e do processo de significação de conteúdo, incluindo a música, a literatura, o cinema, a cartografia, o estudo do meio, os jogos de simulação.

Esses alertas apontados pelos autores são pertinentes, pois ressaltam que inserção tecnológica em sala de aula deve ser acompanhada de mudanças na metodologia de ensino, tais como: a) empregar uma pedagogia crítica e contextualizada, através de uma educação do olhar, que estimule o despertar e a transformação da consciência dos educandos em relação às transformações tecnológicas e às notícias veiculadas pelos meios de comunicação de massa, e assim notem aplicabilidade dos conteúdos trabalhados em sala de aula, para que se tornem sujeitos críticos e atuantes; b) ter objetivos bem delineados, ao utilizar as novas tecnologias, para que elas não sejam encaradas pelos professores e pelos alunos como um mero passatempo; c) encarar os alunos como sujeitos ativos do processo de ensino-aprendizagem, pois, dentro de suas limitações, eles são capazes de formular conceitos, ressignificá-los e/ou reproduzi-los a partir ou não de conhecimentos prévios advindos do senso comum, estabelecidos através de suas relações socioambientais que servirão de base para a construção de ideias, definições e conceitos mais sistematizados.

Por mediação pedagógica entendemos a intervenção propiciada pelo professor ao “[...] procurar dar sentido ao objeto de conhecimento, tornando-o desejável ao sujeito cognoscente [...]” (D’ÁVILA, 2008, p. 124). Todavia, ao optar por fazer a mediação

pedagógica valendo-se de qualquer material didático, inclusive do filme, como será apresentado na próxima seção, o professor deve preparar a classe e estabelecer os objetivos a serem alcançados.

3 O FILME COMO MATERIAL DIDÁTICO: DILEMAS E POTENCIALIDADES DE SUA UTILIZAÇÃO

A inserção de material didático no processo de ensino e aprendizagem de determinado conteúdo, durante a mediação pedagógica, tem a finalidade de facilitar a compreensão do conhecimento, ao tornar as aulas mais atrativas, significativas, prazerosas, entre outras. Tais materiais são classificados, segundo Freitas (2007), em visuais, auditivos ou audiovisuais, por serem capazes de estimular o educando, seja por meio da percepção visual, auditiva ou de ambas, simultaneamente. Nesse sentido, para o SENAI (1994, p. 9), “[...] material didático, em sentido abrangente, é qualquer produto usado no ensino. Em sentido específico, material didático ou material institucional é aquele elaborado intencionalmente com fins didáticos [...]”.

Ao defendermos a utilização de filmes nas aulas de geografia, não é nossa pretensão desmerecer outras fontes de conhecimento, muito menos hierarquizar o filme como o melhor meio de adquirir e mediar conhecimentos, porquanto, como alerta Napolitano (2010, p. 13), “[...] não se trata de propor a substituição da palavra escrita por imagens, visando atualizar a escola numa época de crise das suas formas tradicionais [...]”.

Assim, diante de tal dilema, entendemos que assistir a filmes é uma prática social, que agrega valores à formação cultural e educacional das pessoas e que é tão importante quanto a leitura de obras literárias, sociológicas e tantas mais (VIGLUS, 2009). Isso posto, vale ressaltar que os filmes são mais um meio de comunicação de massa integrantes da indústria do entretenimento. A sedução por vê-los se deve ao fato de serem constituídos de imagens, sons, histórias, aspectos culturais, entre outros, que provocam o interesse no telespectador.

Comolli et al. (2011) enunciam que cinema e filme é uma relação que se inicia com a presença do espectador. Tal relação se dá entre o espectador e a tela, não a tela de onde se projeta a imagem fílmica, mas sua tela mental. Segundo esse ponto de vista, o lugar do espectador é central, e

[...] quando uma projeção começa, o espectador renuncia, por vontade própria, a um conjunto de suas capacidades. Aceita o limite. Renuncia

ao andar, pular, correr dentro da sala. Ele aceita, então, certa imobilização. Ele renuncia ao uso de três sentidos: o olfato, o gosto e o tato; reduz as suas capacidades sensoriais ao olhar e à audição. O espectador aceita, durante a sessão cinematográfica, ser submetido à relativa impotência. o Lugar do espectador pode ser caracterizado por um ato de agressão, por que o espectador se coloca no lugar na situação de uma criança que não pode andar, ou que não tem autonomia de locomoção. Essa situação de criação é reforçada pelo fato de que, na tela, os corpos são maiores que ele. O mundo grande e o espectador é pequeno (COMOLLI *et al.*, 2011, p. 99).

Esse nível de atenção e interação entre o telespectador e o filme deve ser explorado pelos professores durante sua exibição e a problematização em sala de aula, como um material didático de importância significativa, que promova aulas mais atraentes e interessantes, rompa com a rotina de sala de aula e diversifique a utilização de materiais didáticos no ambiente escolar. Além do mais, não podemos perder de vista que “[...] a imagem do cinema é uma produção cultural que pode ser utilizada em sala de aula a fim de abrir cada vez mais horizontes intelectuais para análise do mundo, necessária à formação da criança e do jovem [...]” (PONTUSCHKA, 2009, p. 279).

Isso se justifica porque, por meio dos filmes, podem-se analisar e compreender o mundo real e os fenômenos naturais, independentemente da realidade apresentada na obra, seja igual ou diferente à do telespectador, visto que as obras fílmicas, através de cenários e figurinos, retratam detalhadamente realidades existentes ou que já existiram e, muitas vezes, projetam avanços, sejam eles de cunho catastrófico ou exitoso, além, é claro, de aproximar locais distantes, levantar problemas, propor soluções, trazer milhares de informações, estimular a criatividade e trabalhar o imaginário (FREITAS, 2007).

Assim, a utilização de filmes como material didático tem uma ampla gama de possibilidades, pois diversas temáticas podem ser trabalhadas em uma obra cinematográfica, uma vez que “[...] quase tudo já foi filmado, desde os temas mais cotidianos até mesmo históricos e geográficos, filosóficos, sociais, ideológicos, religiosos, culturais, conceituais, psicológico [...]” (OLIVEIRA, 2011, p. 5).

Essa riqueza temática é transmitida através das películas fílmicas, o que, em sala de aula, requer uma educação do olhar não só instrumental, mas também formativa, porquanto todos os filmes têm uma intencionalidade e retratam temas reais ou fictícios. Porém ambos precisam de uma análise crítica, para que seu conteúdo não tenha efeito manipulador.

A vantagem de se utilizar filme como material didático, independentemente do gênero fílmico, como ressalta Barbosa (2012), é sempre relativa e encontra aparo na ludicidade que confere ao nosso trabalho. Isso porque, apesar de os filmes serem mudos ou sonoros, uma de suas características próprias consiste em apresentar na tela imagens em movimento que se aproximam muito de nossa realidade. Todavia as películas sonoras são mais utilizadas, já que o ambiente em que vivemos é repleto de sons. E, nesse universo, encontram-se os filmes com áudio-descrição que podem ser utilizados com alunos ou em turmas em que haja deficientes visuais (FREITAS, 2007).

Em se tratando dos filmes mudos, Freitas (2007) pontua que, na sala de aula, atendem a diversos propósitos e são excelentes parceiros no processo de confecção textual, de análise e de explicação de acontecimentos. Acrescenta que

[...] os filmes mudos, em que não haja a simulação do diálogo (principalmente), auxiliam na compreensão de mensagens por estudantes com deficiência auditiva. Nesses casos, o tratamento dado à imagem e à ausência de falas ou legendas garante a atenção para tema e conteúdo (FREITAS, 2007, p. 44).

Quando os filmes são trabalhados em sala de aula, o professor deve preparar a classe e verificar se a temática apresentada na película condiz com o conteúdo trabalhado e se está de acordo com a faixa escolar, sociocultural e etária dos alunos e estabelecer os objetivos a serem alcançados, de preferência, com a participação dos alunos, para que se evitem distorções sobre o propósito, que é de relacionar o filme ao conteúdo, através de explicações, debates e discussões (NAPOLITANO, 2010). Esses requisitos são importantes, porque, a partir deles, o professor poderá traçar estratégias para mediar o conhecimento, durante o processo de ensino-aprendizagem, com o devido cuidado de não reduzir o filme como um meio de exemplificar o conteúdo.

Vale ressaltar que, para utilizar filmes em suas aulas, o professor não precisa ser um especialista em assuntos que envolvam obras cinematográficas. Mas, se ele deseja otimizar seu trabalho, deve elaborar um plano básico de formação que poderá ser expandido de acordo com a disponibilidade do professor (NAPOLITANO, 2010), porque, como ressalta Pontuschka (2009, p. 279), a linguagem cinematográfica é muito rica, composta de múltiplas linguagens, como “[...] imagens em movimento: a expressão oral e corporal, a cor, tudo temperado pelas trilhas musicais [...]”.

Este estudo poderá proporcionar ao professor um conhecimento mais amplo sobre a arte cinematográfica, ser útil na mediação pedagógica e ressaltar outros aspectos de uma película para que os alunos deixem de se comportar como meros espectadores,

interessados só em conhecer as histórias dos filmes, e passem a vê-los também como arte. Também é importante que esse aprendizado o acompanhe em seu cotidiano e não apenas na escola.

Aplicar os filmes como material nas aulas de Geografia consiste em encontrar, em seu conteúdo, temáticas que relacionem a sociedade com o espaço. Nesse sentido, acreditamos que qualquer cinema é uma possibilidade, porque tanto as relações na cidade até questões bem distantes (existenciais) podem compor o rol de possibilidades.

Todavia, ao mediar a temática em estudo com o filme, o professor deve analisá-lo de forma integrada e estar atento a questões de escala temporal, global, nacional, regional ou local, para que, em conjunto com ele, o aluno possa associar a temática em estudo ao seu espaço vivido. “[...] Para nós, geógrafos e professores de Geografia, o filme tem importância porque pode servir de mediação para o desenvolvimento das noções de tempo e espaço na abordagem dos problemas sociais, econômicos e políticos [...]” (PONTUSCHKA, 2009, p. 280).

Trata-se, pois, de um material importante para a formação docente, que ajuda os profissionais a refletirem sobre as situações emblemáticas que envolvem o comportamento de alunos, assim como temas polêmicos sobre escolhas éticas e mortais, porquanto há filmes cujos conteúdos podem ser discutidos para se analisar e repensar a prática docente antes, durante e depois do período de formação, analisando-a como protagonista da própria história, autor e narrador de sua trajetória (OLIVEIRA, 2011b).

Considerando o exposto, podemos afirmar que os filmes podem ser empregados como material didático e como ponto de partida para um trabalho de formação que provoque os educandos a aprenderem a pensar e a compreender o mundo, a partir de um problema no/do mundo real a ser resolvido na relação que os estudantes mantêm com o tema em questão, principalmente quando trabalhamos no ensino de Geografia, em que tanto os fatores físicos quanto os históricos e sociais são relevantes. Nesse contexto, os resultados obtidos ao atrelar definições, questões, conceitos e temas geográficos a filmes podem ser proveitosos e utilizados como potencializadores do ensino-aprendizagem de geografia.

4 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa de intervenção foi feita em um colégio da rede estadual de ensino, situado no Conjunto Habitacional Feira VI, na cidade de Feira de Santana, no dia 24 de novembro de 2014. Tal intervenção foi desenvolvida em uma turma do 1º ano do ensino

médio. Os pesquisadores adentraram o ambiente escolar, com o intuito de estabelecer uma aproximação com os alunos. A produção dos dados seguiu os princípios da pesquisa social de cunho qualitativo, e o método de abordagem foi a pesquisa-intervenção. Nesse tipo de abordagem, “[...] o pesquisador envolve sempre um plano de ação, plano esse que se baseia em objetivos, em um processo de acompanhamento e controle da ação planejada e no relato concomitante desse processo [...]” (ANDRÉ, 1995, p. 33).

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador valoriza todo o processo, porque, além de buscar compreender os fenômenos em que os indivíduos estão inseridos, visa interpretar as realidades sociais. Ao contrário da pesquisa quantitativa, os dados numéricos não ocupam o ponto principal de análise, mas uma série de procedimentos que, juntos, contribuem com o estudo e a intervenção do fenômeno investigado. Assim, os dados são produzidos coletiva e dialeticamente, a fim de problematizar a prática, subsidiada por referenciais teóricos que auxiliarão o pesquisador a elaborar as estratégias de intervenção.

Este trabalho fora desenvolvido da seguinte forma: em um primeiro momento, realizou-se um levantamento bibliográfico de livros, teses, dissertações e artigos, que contribuíssem com o referencial dos conceitos-chave: metodologia da pesquisa, material didático, mediação pedagógica; ensino de novas tecnologias; utilização de filmes com material didático e ensino de geografia. No segundo momento, consistiu na escolha do filme a ser trabalhado na intervenção. Para tal, analisamos sua temática aliando-a ao conteúdo que estava sendo trabalhado pela turma. O filme escolhido foi um curta-metragem em animação intitulado “Calango Lengo – Morte e vida sem ver água”, dirigido por Fernando Miller, produzido no ano de 2008, com duração de dez minutos.

A animação retrata a luta de um personagem para conseguir sobreviver a uma estiagem que assola determinada localidade e aborda temas como estiagem, políticas públicas, gerenciamento de recursos hídricos, religiosidade, entre outros. Esse tema foi previamente pensado, para que a intervenção acontecesse associada ao conteúdo trabalhado pela professora - bacias hidrográficas, escassez e poluição das águas.

Devido à importância de se trabalhar com temas atuais, também ressaltamos a falta de água em São Paulo, no ano de 2014, e traçamos um paralelo com períodos de seca que ocorrem na Região Nordeste. A sala de vídeo onde foi exibido o filme ofereceu alguns problemas com o áudio, mas a professora já havia nos avisado com antecedência, por isso a escolha do filme também foi influenciada por esse fator, já que a animação não tem falas, apenas uma música de fundo.

No terceiro momento, foram aplicados os questionários e feito um levantamento das narrativas com a professora e os alunos, que decidiram participar espontaneamente depois da exibição do filme. A análise do corpus textual pautou-se nos princípios da análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Os sujeitos da pesquisa foram 15 alunos e uma professora regente, que leciona a disciplina Geografia em uma escola pública. Para preservar seu anonimato, o nome da instituição, dos alunos e da professora não são citados.

A professora é licenciada em Geografia e exerce a profissão entre 10 e 15 anos, trabalhando 40 horas semanalmente. Leciona em sete turmas, nos ensinos fundamental e médio, e trabalha em apenas em uma escola, o Colégio Estadual Carlos André Castro Corrêa. Os alunos são do 1º ano do ensino médio e têm idades entre 14 e 16 anos. Já no questionário respondido pela professora regente, foram levantadas 16 questões - dez fechadas, três abertas e três para responder sim ou não e o porquê.

Dos 17 alunos presentes na sala, 15 decidiram responder ao questionário de forma espontânea, e dois, por motivos desconhecidos, preferiram não participar da pesquisa. Os questionários respondidos pelos alunos apresentavam nove questões de múltipla escolha, que remetiam à utilização de filmes no ensino, em especial, nas aulas de geografia. No quarto momento, à luz da bibliografia consultada, foram organizados, tabulados e categorizados os dados em um artigo.

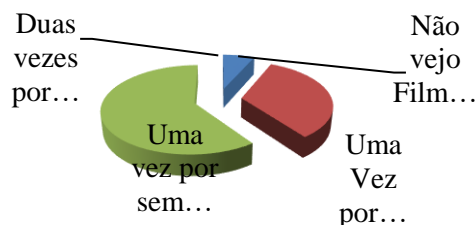
5 PERCEPÇÃO DA PROFESSORA E DOS ALUNOS EM RELAÇÃO À UTILIZAÇÃO DOS FILMES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

No atual contexto tecnológico, assistir a filmes, seja no cinema ou através dos mais diversos meios, como VHS, DVD, computadores, tablets e até mesmo em aparelhos celulares, é uma realidade muito comum nos dias atuais. Diante dessa conjuntura, perguntamos à professora e aos alunos se gostavam de assistir a filmes e se eram habituados a fazer isso e com que regularidade. Como resposta, obtivemos que ambos gostam e têm o costume de assistir a filmes.

Todavia, enquanto a professora assiste a filmes uma vez por mês e prefere os ligados aos gêneros ação e comédia, a maioria dos alunos (nove) faz isso pelo menos duas vezes na semana, cinco, uma vez por semana, e um, uma vez por mês. O quesito ‘não vejo filmes’ não foi apontado. Assim, ao analisar a **Figura 1**, percebemos que os

alunos assistem a filmes com mais regularidade do que a professora, pois, enquanto ela o faz uma vez por mês, grande parte (60%) dos alunos assistem duas vezes por semana.

Figura 1 – Frequência que os alunos veem filmes, em semana e mês.

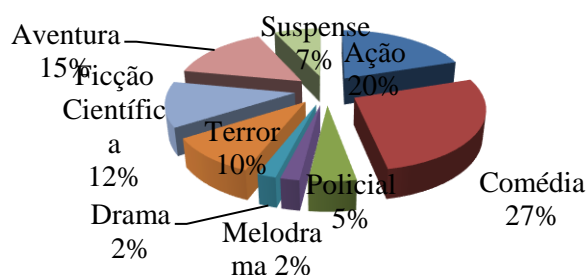


Fonte: Pesquisa de campo desenvolvida de 24 a 30 de Novembro de 2014

Quando questionados sobre qual o gênero fílmico que mais lhes agrada, sobressaiu-se a comédia, com 11 indicações. Como essa questão permitia que os estudantes escolhessem mais de uma alternativa, ficaram em segundo lugar os filmes de ação, com oito indicações; na sequência, os de aventura (6), ficção científica (5) e terror (4), como pode ser visto na **Figura 2**.

Essa sondagem almejou identificar o gênero de filmes que mais agradam aos alunos, para que o professor, ao escolher a obra fílmica a ser utilizada em sala de aula, leve em consideração o gênero fílmico de que os alunos mais gostam e que, provavelmente, será mais bem aceito por eles durante a exibição. O mais interessante é que, ao comparar as respostas da professora com a dos alunos, referentes ao gênero fílmico preferido por todos, constatamos que as películas de comédia e as de ação são as mais citadas, o que poderá contribuir ainda mais para a escolha do filme a ser exibido em sala de aula. Apesar disso, nada impede que o professor use filmes que não sejam considerados apenas fruto do cinema “comercial” “mercadológico”. Para isso, deve-se desenvolver nos educandos uma educação do olhar, para que passem a gostar de outros gêneros fílmicos e os vejam como arte.

Figura 2 – Gênero fílmico preferido pelos alunos



Fonte: Pesquisa de campo desenvolvida de 24 a 30 de Novembro de 2014

Em relação ao potencial dos filmes no processo de ensino-aprendizagem, a professora acredita que é possível aprender conteúdos geográficos através de filmes, pois, segundo afirmou, “[...] os filmes, muitas vezes, traduzem a realidade e conseqüentemente os conteúdos [...]”. Ela também crê que os filmes podem ser atrelados a qualquer conteúdo de âmbito geográfico, visto que é “[...] pelo poder de atração que as imagens, os sons e a própria história tendem a influenciar os alunos [...]”.

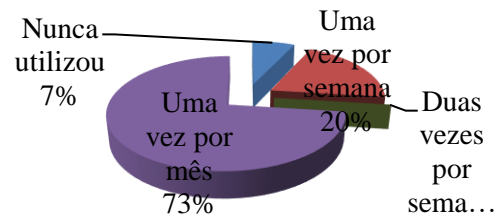
Quando questionada sobre como ensinar geografia por meio de filmes, a professora referiu que eles podem ser utilizados “[...] antes do conteúdo, como introdução, ou depois como complementação [...]”. Sobre se já havia trabalhado com filme em sala de aula, a docente respondeu que “sim, tempos modernos. Para abordar o capitalismo”. Ela ressaltou que os filmes são escolhidos de acordo com o conteúdo e que não é difícil trabalhá-los em sala de aula.

Quanto aos alunos, quando interrogados sobre se seria possível estudar Geografia através de filmes, todos (15) afirmaram que sim, e ao justificar suas respostas, percebemos que seu teor confirma a potencialidade dos filmes no processo de ensino e aprendizagem, como mostram estas falas:

- “É mais fácil de interagir com os alunos”;
- “Porque podemos ver em primeira pessoa o que acontece no tema geográfico”;
- “Por que às vezes os filmes mais avançados mostram coisas que a matéria não ensina”;
- “Assistindo filmes, conhecemos novos fatos e história, aumentando nosso saber, se tiver a ver com a geografia melhor ainda”.

Ao analisarmos as falas dos alunos e compará-las com a da professora, constatamos que todos acreditam na possibilidade de estudar conteúdos geográficos através dos filmes, pois, enquanto os alunos entendem que esse recurso pedagógico facilita a compreensão, ao aprofundar o tema estudado, a professora acredita ser possível utilizá-los em qualquer conteúdo geográfico para mediar o conhecimento.

Quando indagados sobre se já tiveram oportunidade de assistir a filmes na escola, a resposta ‘sim’ foi unânime, e as matérias que eles mais citaram que recorrem a filmes no processo de ensino e aprendizagem foram Artes, História e Geografia. Já quando questionados sobre com que frequência a professora de Geografia usa filmes em sala de aula, a maioria dos alunos respondeu vide **Figura 3**, uma vez por mês, o que nos faz pressupor, como havia dito a docente, utilizá-los para introduzir e/ou desenvolver um conteúdo. Acreditamos que as duas formas de se utilizar filmes são válidas.

Figura 3 – Frequência que a professora utiliza filmes em sala de aula segundo os alunos.

Fonte: Pesquisa de campo desenvolvida de 24 a 30 de Novembro de 2014

Quando perguntados sobre se a utilização de filmes facilita o aprendizado do conteúdo, no caso em estudo, relacionar a temática do curta-metragem *Calango Lengo – morte e vida sem ver água*, com o conteúdo escassez de água, seca, bacia hidrográfica, tema da unidade em estudo lecionado pela professora regente, todos os (15) entrevistados responderam que sim, como mostram as seguintes falas:

- “Por que é uma forma divertida e menos entediante de aprender o assunto”;
- “Porque é uma aula diferente, aluno não aprende só preso dentro da sala”;
- “Sim, porque mostra melhor o que a professora explica”;
- “Sim, pois nós visualizamos imagens e compreender o assunto”.

Essas afirmações e percepções demonstradas nas falas da professora e dos educandos nos levam a inferir que é sobremaneira importante utilizar filmes como material didático no processo de ensino e aprendizagem de geografia, pois as obras audiovisuais despertam a curiosidade e o interesse dos alunos, já que rompe com a rotina cotidiana de livros, cadernos e lousa usados na escola. Os filmes, além de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem, tornam as aulas mais dinâmicas e interessantes e motivam os alunos a compreenderem o assunto.

6 CONCLUSÕES

No atual contexto tecnológico, a sociedade encontra-se em constante modificação. Com as instituições escolares e as práticas docentes, não é diferente. Não raras vezes, elas são questionadas e incentivadas a buscar novas metodologias e materiais didáticos que dinamizem as aulas e promovam o processo de ensino-aprendizagem.

Devido ao anseio por promover mudanças no ambiente escolar, destacamos a importância de inserir novas formas de mediar o conteúdo em sala de aula, através da

inserção cautelosa de material didático, em especial, os ligados às “novas” tecnologias, no caso em estudo, os filmes, tendo em vista a forma como as pessoas vêm sendo educadas nos dias atuais, principalmente através dos meios de comunicação de massa, como a TV, o rádio e o cinema, entre outros. Todavia, toda e qualquer inserção de material didático deve ser feita em sala de aula, desde que o professor julgue necessário, considerando o conteúdo a ser trabalhado e a receptividade dos educandos, pautada numa metodologia crítica que conceba o aluno como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem. Em se tratando da utilização dos meios de comunicação de (Não entendi: fazer a educação do olhar?) massa, no caso em estudo, os filmes, o professor precisa fazer a educação do olhar dos educandos, para evitar o efeito tendencioso e manipulador das notícias veiculadas por esse meio e contribuir para que eles sejam vistos como fonte de informação e como arte.

Os materiais didáticos têm a finalidade de mediar o conhecimento por meio de imagens, sons ou audiovisuais, para tornar as aulas mais atrativas, prazerosas e compreensivas e contribuir para melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, encontram-se os filmes classificados como material audiovisual, que narram histórias através de imagens em movimento e sons, que tendem a despertar emoções e a tornar as aulas mais atraentes, porque as aproxima da realidade e a representa, ao reconstituir acontecimentos ou projetá-los. E como fazem parte do cotidiano de professores e alunos, o filme despertou o interesse em pesquisar o potencial fílmico como material didático-pedagógico. Para isso, investigamos os limites e as possibilidades de ser utilizado, em que medida se configura como motivador da aprendizagem geográfica e como os discentes e os docentes o avaliam em sala de aula, mediando seu conteúdo.

Considerando alguns limites à utilização de filmes em sala de aula, o docente poderá se deparar com vários tipos, a saber: a) limite temático, que consiste em encontrar na película fílmica o conteúdo que se relacione com o assunto que será mediado; b) limites teórico-metodológicos - desconhecimento da linguagem fílmica; c) não considerar os educandos como sujeitos ativos durante o processo de ensino-aprendizagem; d) não admitir que os filmes, como material didático, podem ser utilizados no processo de ensino-aprendizagem; e) não ter segurança para mediar os conteúdos geográficos utilizando filmes; f) não ter o mínimo de conhecimentos sobre a linguagem fílmica baseada numa pedagógica crítica, que contribua com a educação do olhar nos educandos.

O uso dos filmes em sala de aula se justifica pelas seguintes razões, sem ordem de importância: porque são eminentemente temáticos, e seus conteúdos são ilimitados (FERREIRA, 2012); podem ser executados em diversos aparelhos (computadores, TVs, celulares, tablets, etc.); fazem parte do cotidiano de alunos e professores; têm poder de síntese por narrarem histórias e fatos (acompanhadas de sons e imagens) e facilitam o processo de ensino-aprendizagem ao tornar as aulas mais atrativas e prazerosas.

Levando-se em consideração os limites e as potencialidades da utilização de filmes como material didático, constatamos que a sala de vídeo utilizada durante a intervenção para se exibir e problematizar o filme foi reservada previamente e apresente uma boa estrutura física, com cadeiras confortáveis para todos os presentes, ar-condicionado e iluminação controlada através de cortinas. Também que dispunha de um *datashow*, um computador e caixas de som, utilizados para projetar as imagens e transmitir o áudio do filme. Só houve um obstáculo para a intervenção - as caixas de som ficaram mudas durante a exibição do filme.

Quanto à utilização dos filmes para mediar conteúdos geográficos, constatou-se que os alunos e a professora acreditam na potencialidade das películas fílmicas. Sob o ponto de vista dos alunos, as películas fílmicas exercem um poder motivador, responsável por facilitar a compreensão do conteúdo e, conseqüentemente, a aprendizagem. Outro fator positivo averiguado foi que a docente investigada não tem dificuldade de utilizar filmes em sala de aula e que são atrelados ao conteúdo, tanto para introduzir, quanto para reforçar o assunto em estudo.

Fazendo uma análise geral, constatamos que os professores exercem um grau de importância ao utilizarem filmes em sala de aula, os quais podem sim contribuir como um importante material didático no ensino da Geografia, desde que não sejam exibidos como um mero passatempo e que sejam acompanhados de uma metodologia que estimulem os alunos a se perceberem sujeitos ativos e participativos, capazes de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

This article presents the results from a course conclusion work developed over four Supervised Internship in Geography Teaching at Universidade Estadual de Feira de Santana (Feira de Santana State University), Bahia, Brazil. This research was conducted in a public school of Feira de Santana. The using of movies as didactic tools is discussed, being a possibility to contribute in the teaching and learning content in Geography. However, there are dilemmas and attention that need to be considered and analysed before using a movie

in class. The methodology applied in this work was based on social research of qualitative nature, according to the research-intervention approach method. The data production occurred in the period of 24 to 30 November, 2014. A Geography teacher and fifteen students of the 1st year of high school were investigated in the research. Therefore, data analysis has indicated that it is possible to use movie as a didactic tool. In addition, this tool arouses the interest for the learning of geographic content.

Keywords: Pedagogical Mediation, Teaching and learning, New technologies.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2008.
- BARBOSA, J. L. Geografia e cinema: em busca de aproximação do inesperado. In: ____ CARLOS, A. F. A. (Org.). *A Geografia na sala de aula*. 9. ed. São Paulo: contexto, 2012. Cap. 5 pp 109-103.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Lisboa: Edições 70, 1977.
- CAVALCANTI, L. S. *A geografia escolar e a cidade*. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.
- COMOLLI, Jean-Louis et al. Cinema: ficção e realidade. In: ____ HISSA, C. E. V. (org.). *Conversações: de arte e de ciências*. 1. ed. Minas Gerais: Editora UFMG, 2011. p. 97-121.
- D'ÁVILA, C. *Decifra-me ou te devorarei: o que pode um professor frente a um livro didático?* 1. ed. Salvador: EDUNEB; EDUFBA, 2008.
- FISCARELLI, R. B. O. Material didático e prática docente. *Revista Ibero-americana de estudos em Educação*. v. 2, nº. 1, 2007.
- FISCARELLI, R. B. O. *Material didático: discursos e saberes*. 1. ed. Brasil: Junqueira e Marin, 2008.
- FREITAS, O. *Equipamentos e materiais didáticos*. Brasília: Editora UnB, 2007.
- MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: ____ MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BERHRENS, M. A. (Org.). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 13. ed. Campinas: Papyrus, 2007. Cap. 3, pp 133-179.
- MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: ____ MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BERHRENS, M. A. (Org.). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 13. ed. Campinas: Papyrus, 2007. p. 11-67.
- NAPOLITANO, M. *Como usar o cinema na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- OLIVEIRA, D. R. de. *O uso do cinema nas aulas de geografia: proposta de estudo da Região Nordeste*. Jijoca de Jericoacoara - CE, 2011.
- OLIVEIRA, S. S. *Desenhos da escola e da docência nas obras cinematográficas*. Feira de Santana, 2011. 216 f. Dissertação (Mestrado em Desenho, cultura e interatividade) - PPGDCI, UEFS, Feira de Santana. 2011b.

PONTUSCHKA, N. N. A linguagem cinematográfica no ensino de Geografia. In: _____ PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. (Org.). *Para ensinar e aprender Geografia*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p 259-186.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. 2. São Paulo: EDUSP, 2006.

SENAI. Departamento Regional de São Paulo. *Manual de elaboração de material didático impresso*. São Paulo: SENAI, 1994.

STRAFORINI, R. *Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

VIGLUS, D. *O filme na sala de aula: um aprendizado prazeroso*. [s. l.].